

O parricídio na obra de Freud

Maria Thereza Ávila Dantas Coelho*

Unitermos: psicanálise; 'só depois'; parricídio; Freud; Dostoievski.

Resumo

O objetivo deste texto é discutir o desenvolvimento teórico da Psicanálise, tomando como objeto de reflexão o parricídio na obra de Freud. Para tanto, trabalha-se com a noção de 'só depois', com a experiência de leitura de Freud do escritor Dostoievski e seus efeitos em sua obra. São destacados três textos escritos e publicados por Freud em datas distintas: Totem e Tabu (1913), Dostoievski e o Parricídio (1928) e Moisés e o Monoteísmo (1939). Argumenta-se que esses três textos estão entrelaçados, de modo que o segundo ressignificou o primeiro, e o terceiro, os dois anteriores, possibilitando a colocação do parricídio na gênese do ataque histérico, do monoteísmo, da criação artística e da transmissão da Psicanálise.

Em 1913, no texto "Totem e Tabu"¹, Freud inventa um mito de origem para toda a humanidade e propõe o parricídio como o crime primevo fundador da cultura. Freud retoma, em 1928, no texto sobre Dostoievski², esse desenvolvimento teórico empreendido em 1913 e reafirma que o parricídio é a principal fonte do sentimento de culpa do homem. Essa novidade, por ele apresentada em "Totem e Tabu" (1913) e reafirmada em "Dostoievski e o Parricídio" (1928), teve, provavelmente, na obra de Dostoievski uma de suas fontes inspiradoras. Entretanto, Freud não citou essa fonte sequer para ilustrar o seu desenvolvimento teórico, como costumava fazer quando dialogava com o campo da arte. O apoio de suas ideias no trabalho de grandes artistas era, para ele, a confirmação de que o edifício teórico da Psicanálise estava sendo construído numa boa direção e que suas ideias tinham uma abrangência universal. No texto sobre a Gradiva, por exemplo, Freud³ chega a afirmar que os artistas, com sua sensibilidade, antecipavam muitos aspectos da alma humana que a ciência ainda não vislumbrava estudar. Teria a anterioridade de Dostoievski incomodado Freud, a ponto de ele omitir a referência a esse escritor em "Totem e

Tabu", e interromper a escrita do texto sobre esse artista, em 1927, só o concluindo sob o incentivo de Eitington⁴? Talvez. Caso afirmativo, por que isso se teria passado especificamente em relação a Dostoievski, se, com relação aos demais escritores, como Sófocles e Shakespeare, Freud reconheceu e se apoiou nas suas antecipações?

Se a escrita de "Totem e Tabu", de 1913, contribuiu para as formulações freudianas da segunda teoria do aparelho psíquico e das pulsões, no início dos anos 20 do século passado, essas formulações possibilitaram uma nova proposição do ataque histérico em seu texto de 1928, interpretado, então, a partir do desejo parricida e da dinâmica sadomasoquista entre o ego e o superego. Isso constituiu um avanço em relação ao artigo anterior, publicado em 1909, intitulado "Algumas Observações Gerais sobre Ataques Histéricos"⁵. Nessa nova perspectiva, Freud postula uma associação entre o ataque histérico, o desejo de morte do pai, o sentimento de culpa e a autopunição por este desejo, tornada pública, pela primeira vez, nesse texto.

Freud, entretanto, não valorizou esse avanço. Alguns fato-

* Psicanalista membro do Colégio de Psicanálise da Bahia, Professora Adjunta da UFBA. [Email: therezacoelho@gmail.com].

res pessoais foram relacionados a isso, por alguns autores. Um desses fatores foi a rivalidade de criador de Freud, em relação ao escritor russo, poeta do inconsciente que, a seus próprios olhos, era um dos maiores escritores de todos os tempos, como entende Dongier⁶. Num certo sentido, como vimos, Dostoievski antecipa, em *Os Irmãos Karamassovi*, a relação entre o desejo parricida e a realidade psíquica, desenvolvida posteriormente por Freud. Não só Smierdiákov, mas também os demais filhos de Fiódor Karamassovi, à exceção de Aliócha, desejaram a morte do pai e, por este motivo, sentiram-se igualmente culpados pelo crime⁷. Um outro fator que foi considerado decisivo para a atitude pessimista de Freud em relação a esse texto foi o seu desejo parricida em relação à Charcot, de quem ele utilizou o conceito de histeroepilepsia para abordar o caso de Dostoievski. Nessa direção, o complexo paterno de Freud e a sua identificação com Dostoievski teriam interferido na escrita do seu texto sobre o escritor russo e na sua relação com ele.

Deixando de lado as interpretações dos diferentes autores quanto à atitude de Freud em relação a seu texto sobre Dostoievski, vale a pena ressaltar que, nele, Freud chama a atenção de que não se deve ao acaso o fato de três das grandes obras-primas da literatura – *Édipo Rei*, de Sófocles; *Hamlet*, de Shakespeare; e *Os Irmãos Karamassovi*, de Dostoievski – tratarem todas do mesmo assunto, o parricídio. É digno de nota que as duas primeiras

obras foram muito citadas por Freud, por seus biógrafos e seguidores, em detrimento da terceira, objeto de nossa investigação. *Os Irmãos Karamassovi* e o texto de Freud sobre Dostoievski são pouco discutidos entre os pós-freudianos, o que parece dar continuidade ao ostracismo inicial a que foi relegada essa obra no campo da Psicanálise. Dela não se quer saber, e há uma transmissão dessa atitude ao longo das gerações sem nem sequer se questionar sobre as razões disto.

Que lugar ocupa essa obra no corpo da Psicanálise? Ela tem sido pouco trabalhada e, entretanto, no conjunto da obra de Freud, está explicitamente presente em seu texto "Dostoievski e o Parricídio" (1928), que figura como um dos três trabalhos, mais precisamente o segundo, que aborda a importante questão do parricídio. O primeiro e o terceiro – respectivamente, "Totem e Tabu" (1913) e "Moisés e o Monoteísmo" (1939)⁸ – são textos míticos, com pretensão de verdade histórica. O primeiro pretende explicar a origem da humanidade, e o terceiro, a origem do povo judeu e do judaísmo. Qual a importância e o papel desse segundo texto na construção da Psicanálise? Em que, aqui, a literatura contribuiu para o avanço teórico e técnico de Freud? Especificamente em relação a essa questão, não podemos ler esse texto isoladamente, sem fazer um movimento regressivo e progressivo em relação aos dois demais, na perspectiva do 'só depois', como diz Lacan⁹. De um lado, como vi-

¹ FREUD, Sigmund. Totem e tabu [1913]. In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1980. p.20-191.

² FREUD, Sigmund. Dostoievski e o parricídio [1928]. In: _____. *Edição standard brasileira...*, op.cit., p.205-223.

³ FREUD, Sigmund. Delírios e sonhos na Gradiva de Jensen [1907]. In: _____. *Edição standard brasileira...*, op. cit., p.17-98.

⁴ Cf. JONES, Ernest. *A vida e a obra de Sigmund Freud* [1953]. Rio de Janeiro: Imago, 1989. p.152.

⁵ FREUD, Sigmund. Algumas observações gerais sobre ataques histéricos [1909]. In: _____. *Edição standard brasileira...*, op. cit., p.233-238.

⁶ DONGIER, Maurice. Dostoievski et Flaubert: écritures de l'épilepsie. *Canadian Journal of Psychoanalysis*, Montreal, Book Review, n.3, p.339-342, 1995.

⁷ DOSTOIEVSKI, Fiódor Mikhailovich. *Os Irmãos Karamassovi* [1880]. Rio de Janeiro: Companhia Aguilar, 1964. vol. 4, p.495-1.101.

⁸ FREUD, Sigmund. Moisés e o Monoteísmo [1939]. In: _____. *Edição standard brasileira...*, op. cit., p.19-161.

mos, é plausível supor que a obra de Dostoievski tenha sido uma das fontes inspiradoras da construção de "Totem e Tabu", mas 'só depois' Freud escreveu um texto sobre esse escritor. De outro, não podemos deixar de ver a influência que esse texto exerceu sobre o texto posterior, publicado em 1939: "Moisés e o Monoteísmo". Aqui, a história pareceu dar as mãos à literatura, pois um novo mito se produziu e Freud qualificou este seu ensaio como um 'romance histórico'.

A influência do texto "Dostoievski e o Parricídio" sobre a escrita de "Moisés e o Monoteísmo" pode também ser pensada a partir de duas outras direções: das reflexões sobre o ataque histérico e da experiência de estrangeiro, vivida por Freud durante a escrita desse texto. Em ambas as direções, temos a presença do conceito da pulsão de morte, ausente na época em que Freud escreveu "Totem e Tabu". Pela primeira via, a do ataque histérico, há, na identificação ao pai morto não apenas a atualização do desejo de morte do pai, mas também o desejo de autodestruição, de retorno ao estado inanimado, como conjectura Freud em "Além do Princípio do Prazer", de 1920¹⁰. O parricídio não se reduz, aí, ao Édipo, embora Freud se detenha nessa perspectiva. Ele é também a expressão da pulsão de morte, da vicissitude que leva o ser humano a buscar algo do qual não tem qualquer representação - a própria morte.

A identificação com o pai morto aponta para a identificação com o irrepresentável da morte, com o irrepresentável do pai. É provável que, no texto so-

bre Dostoievski, Freud, de forma não explícita, só tenha conseguido chegar a essa dimensão existente do pai porque já havia postulado o conceito de pulsão de morte. Essa é uma das maiores contribuições que podemos apreender das entrelinhas desse texto e que serviu, posteriormente, de base para a construção de seu Moisés. Foi 'só depois', nesse último texto, que o pai apareceu como pura letra - Javé -, impronunciável, irrepresentável e sem sentido. Ao contrário do que afirmou Karamassovi, no romance de Dostoievski, se Deus está morto, nada está permitido, como ressalta Lacan¹¹. Paradoxalmente, o assassinato do pai não libera o gozo, mas o proíbe, e o amor ao pai se torna mais forte que o desejo pela mãe. A identificação ao Real do pai, à sua morte, é o que, justamente, possibilita essa operação. Sem isso, não se transmite a castração. A transmissão, de qualquer natureza, está ligada, portanto, à pulsão de morte e à identificação ao pai morto. Freud só pôde apreender isso depois de escrever "Dostoievski e o Parricídio". Só dez anos depois, ele pôde desenvolver esse aspecto, ao escrever sobre Moisés. Nesse texto, a questão da transmissão e do Real do pai foi retomada e desenvolvida por Freud, num tempo em que, ao final de sua vida, ele se preocupava com a sobrevivência e a transmissão da própria Psicanálise.

A outra via, pela qual podemos pensar a influência do texto sobre Dostoievski na escrita de "Moisés e o Monoteísmo", é a reexperiência de estrangeiro que esse texto pareceu propiciar para Freud. A condição russa de

Dostoievski e a sua submissão às decisões do Czar, assim como à religião cristã, remeteram-no à cultura eslava e à forma de organização política da Rússia no século XIX. Quando Freud começou a escrever sobre Dostoievski, crescia o antissemitismo na Europa. Um ano antes, em 1926, ele chegou a declarar que, até então, considerava-se intelectualmente alemão, mas que, com o crescimento do preconceito antissemita na Alemanha e na Áustria germânica, preferia se dizer um judeu, como observa Gay¹². Freud revivia, então, tanto na sua vida pessoal quanto na escrita sobre Dostoievski, uma experiência de estrangeiro. É plausível que a continuidade dessa experiência tenha culminado depois na sua grande elaboração teórica do Moisés como egípcio, num período em que a sua obra estava sendo queimada pelos nazistas e que ele teve de migrar para Londres, outra terra estrangeira. Sabemos que a condição de estrangeiro de Moisés, dentro da cultura judaica, já era familiar a Freud, conforme assinala Fuks¹³. Entretanto, podemos observar que, só em 1938, ele reuniu os elementos que lhe possibilitaram a defesa dessa tese. Moisés, reelaborado pela experiência de estrangeiro de Freud, tornou-se, ele mesmo, estrangeiro em seu escrito e, na visão de Freud, este foi um dos elementos que possibilitaram o surgimento do povo judeu, assim como da religião judaica. O judeu, na figura de Moisés, passou a ser, além de estrangeiro para o outro, também estrangeiro para si mesmo, conforme Fuks¹⁴ e Martinelli¹⁵.

Verificamos assim que, ape-

sar de Freud ter feito uma apre-
ciação negativa de seu texto sobre
Dostoievski e de ter declarado
não gostar desse escritor, tanto
a obra de Dostoievski quanto
esse texto de Freud muito
contribuíram para importantes
desenvolvimentos teóricos na
Psicanálise. Os ecos disso po-
dem ser apreendidos através
das reflexões realizadas a partir
dos textos "Totem e Tabu" e
"Moisés e o Monoteísmo". Nes-
se último texto, a colocação de
Moisés como estrangeiro ao
povo judeu é uma tese freudiana
que, de certa forma, possibilita-
nos bordejar o enigma da cria-
ção, apresentado por Freud em
seu texto sobre Dostoievski. Nele,
Freud afirma que, diante do
problema do artista criador, a
análise tem de depor suas ar-
mas. Freud não desenvolveu,
entretanto, esse problema aí.
Posteriormente, em seu trabalho
sobre Moisés, ele coloca a con-
dição de estrangeiro do pai cria-
dor como um elemento estrutu-
ral da criação do povo judeu. A
criação, nessa perspectiva, im-
plica, portanto, uma experiência
de estrangeiro. Tal aspecto, de
certa forma, está presente tanto
na relação do criador com a sua
obra, quanto na relação do es-
pectador ou leitor com a obra
criada, de modo que, a cada lei-
tura, a obra é também recriada.

A partir de tudo o que foi ex-
posto, podemos retomar a cate-
goria do 'só depois' para reafir-
mar que, em "Dostoievski e o
Parricídio", Freud ressignifica a
sua proposição apresentada em
"Totem e Tabu", segundo a qual
o parricídio é o crime fundador
da humanidade, e amplia a sua
compreensão do ataque histéri-
co a partir do desejo parricida e
da conseqüente identificação ao

pai morto, geradores de uma di-
nâmica sadomasoquista entre o
ego e o superego. Também a
partir da categoria do 'só depois',
podemos verificar que, em
"Moisés e o Monoteísmo", reto-
mando os desenvolvimentos te-
óricos empreendidos nos textos
anteriores, entremeados ao
avanço do nazismo, que acabou
por obrigá-lo a mais uma experi-
ência de estrangeiro com o exí-
lio na Inglaterra, Freud situa o
parricídio na gênese da religião
monoteísta e do povo judeu, ou
seja, em sua própria origem, na
medida em que este processo
implica um ato de morte de uma
referência paterna primordial,
neste caso, a condição de judeu
de Moisés, na proposição de ser
ele um egípcio. Com esse avan-
ço, ele nos possibilita também,
num tempo 'só depois', uma ou-
tra aproximação ao enigma da
criação artística, na perspectiva
de que o parricídio se encontra
na gênese de tal criação, bem
como na gênese de qualquer in-
venção. Com seu texto "Moisés
e o Monoteísmo", Freud busca
responder ao seu anseio de so-
brevivência e perpetuação da
psicanálise, num tempo em que
tanto a sua própria existência
quanto a da Psicanálise estavam
ameaçadas por sua condição de
judeu. O assassinato do pai
Moisés, implícito na proposição
da sua condição estrangeira,
possibilita-nos, então, compreen-
der que a extensão deste ato
para qualquer representante pa-
terno, o que não exclui o próprio
Freud, coloca, assim, o parricídio
na gênese inclusive da transmis-
são da Psicanálise.

⁹ LACAN, Jacques. Posição do inconsciente [1966]. In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p.843-864.

¹⁰ FREUD, Sigmund. Além do Princípio do Prazer [1920]. In: _____. *Edição standard brasileira...*, op. cit., p.17-85.

¹¹ LACAN, Jacques. *O eu na teoria de Freud e na técnica da Psicanálise* [1954-1955]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985. p.165.

¹² GAY, Peter. *Freud: uma vida para o nosso tempo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p.409.

¹³ FUKS, Betty Bernardo. *Freud e a judeidade: a vocação do exílio*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000. p.88-89.

¹⁴ Id., *ibid.*

¹⁵ Cf. MARTINELLI, Verônica. Crime e ideologia: do Terceiro Reich ao assassinato de Moisés. *Ágora*, Rio de Janeiro, v.8, n.2, p.175-191, jul./dez. 2005.

REFERÊNCIAS

- DONGIER, Maurice. Dostoievski et Flaubert: écritures de l'épilepsie. *Canadian Journal of Psychoanalysis*, Montreal, Book Review, n.3, p. 339-342, 1995.
- DOSTOIEVSKI, Fiódor Mikhailovich. *Os Irmãos Karamassovi* [1880]. Rio de Janeiro: Companhia Aguilar, 1964. v.4, p.495-1.101.
- FREUD, Sigmund. Delírios e sonhos na Gradiva de Jensen [1907]. In:_____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1980. p.17-98.
- FREUD, Sigmund. Algumas observações gerais sobre ataques histéricos [1909]. In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1980. p.233-238.
- FREUD, Sigmund. Totem e tabu [1913]. In:_____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1980. p.20-191.
- FREUD, Sigmund. Além do Princípio do Prazer [1920]. In:_____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1980. p.17-85.
- FREUD, Sigmund. Dostoievski e o parricídio [1928]. In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1980. p.205-223.
- FREUD, Sigmund. Moisés e o Monoteísmo [1939]. In:_____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1980. p.19-161.
- FUKS, Betty Bernardo. *Freud e a judeidade: a vocação do exílio*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- GAY, Peter. *Freud: uma vida para o nosso tempo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- JONES, Ernest. *A vida e a obra de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1989.
- LACAN, Jacques. *O eu na teoria de Freud e na técnica da Psicanálise* [1954-1955]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- LACAN, Jacques. Posição do inconsciente [1966]. In:_____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1966/1998. p.843-864.
- MARTINELLI, Verônica. *Crime e ideologia: do Terceiro Reich ao assassinato de Moisés*. *Ágora*, Rio de Janeiro, v.8, n.2, p. 175-191, jul./dez. 2005.

PARRICIDE IN FREUD'S WORK

Key words: psychoanalysis; deferred action; parricide; Freud; Dostoievski.

Abstract

The aim of this paper is to discuss the development of psychoanalysis, from parricide in Freud's work. To this end, I work with the notion of 'deferred action', with the freudian experience of reading the writer Dostoievski and its effects on his work. I highlight three texts written and published by Freud on different dates: Totem and Tabu (1913), Dostoievski and Parricide (1928) and Moisés and Monotheism (1939). I argue that these three texts are woven together, so that the second meant the first and the third, the two previous, allowing the placement of parricide in the genesis of hysterical attack, monotheism, artistic creation and transmission of psychoanalysis.